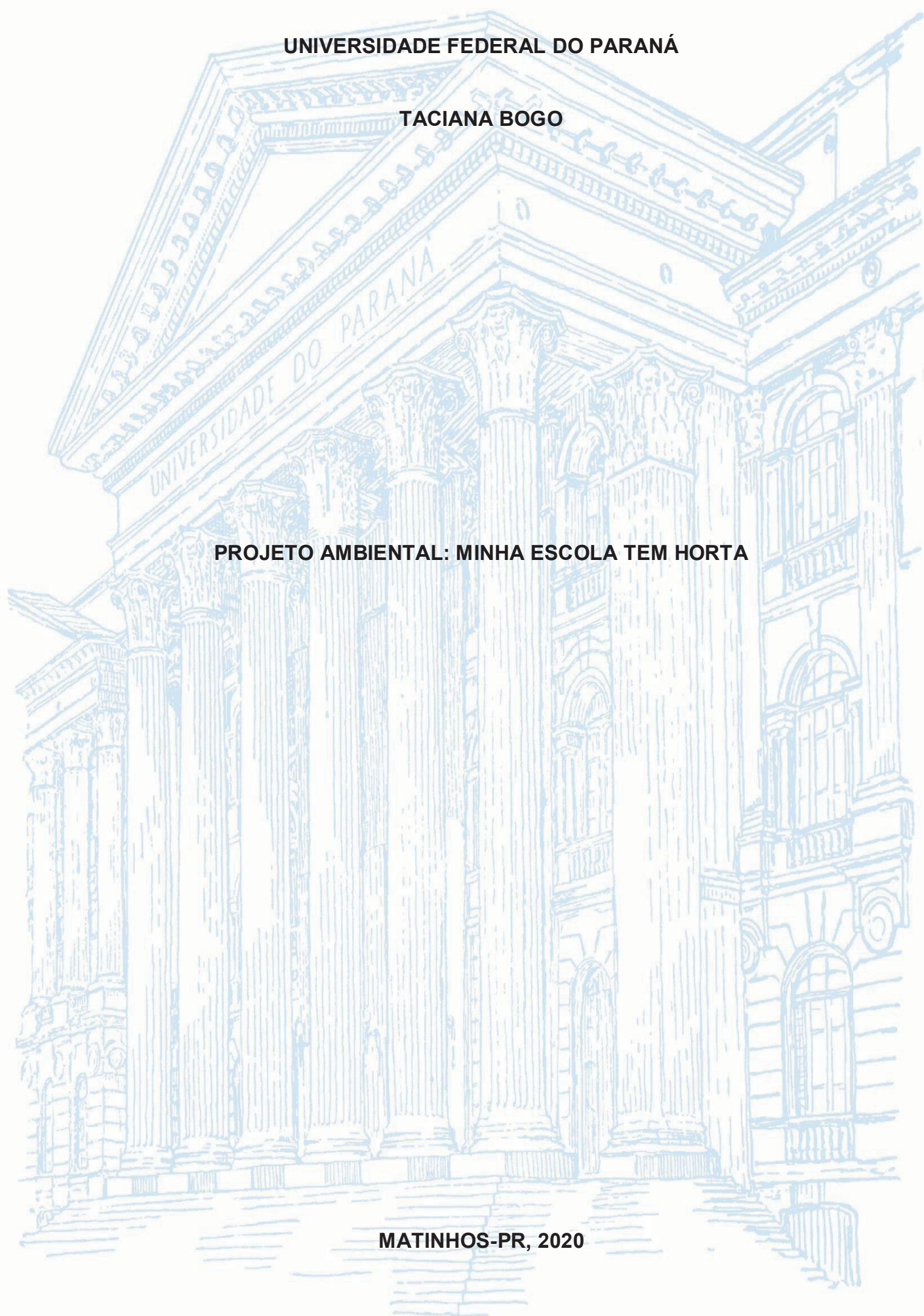


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

TACIANA BOGO

PROJETO AMBIENTAL: MINHA ESCOLA TEM HORTA

MATINHOS-PR, 2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

TACIANA BOGO

PROJETO AMBIENTAL: MINHA ESCOLA TEM HORTA

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista ao curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Valdo José Cavallet

Orientador: Prof. Dr. Valentim da Silva

Orientador: Prof^ª. Dra. Lenir Maristela da Silva

MATINHOS-PR, 2020



Ministério da Educação
Universidade Federal do Paraná
Setor Litoral
Curso de Especialização em Alternativas para
uma Nova Educação



TERMO DE APROVAÇÃO

TACIANA BOGO

PROJETO AMBIENTAL: MINHA ESCOLA TEM HORTA

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista.

Prof. Dr. Valdo José Cavallet
Orientador – UFPR

Prof. Dr. Valentim da Silva
Membro da Banca -UFPR

Profª Dra Lenir Maristela da Silva
Membro da Banca - UFPR

Taciana Bogo
Estudante da Especialização ANE – UFPR

Matinhos, 06 de dezembro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família que me incentivou todos esses anos e que sempre permaneceu ao meu lado.

Agradeço muito a todos que me ajudaram e me apoiaram na realização das ações do meu projeto, principalmente a equipe da Escola Estadual Indígena Pindoty e a comunidade Mbya Guarani da Ilha da Cotinga.

Agradeço aos educadores e educadoras da UFPR Litoral pelas palavras de força e incentivo e a todo apoio do coletivo ANE.

*“É preciso ter esperança, mas ter
esperança do verbo esperar;
porque tem gente que tem
esperança do verbo esperar. E esperança
do verbo esperar não é
esperança, é esperar.
Esperança é se levantar,
Esperança é ir atrás, esperança é
construir, esperança é não desistir!
Esperança é levar adiante,
esperança é juntar-se com outros
para fazer de outro modo...”*

Paulo Freire

RESUMO

A educação ambiental consiste no incentivo a preservação dos recursos naturais contribuindo para a sustentabilidade e proporcionando vários benefícios ao meio ambiente. As ações realizadas na Escola Estadual Indígena Pindoty buscaram interagir com a Aldeia Mbya Guarani Pindoty, localizada na cidade de Paranaguá – PR, especificamente em uma ilha situada na baía conhecida por Ilha da Cotinga, território demarcado como terra indígena. As interações nas ações do projeto desenvolveram a autonomia das técnicas do plantio da agricultura resgatando a prática do trabalho com a terra. A construção da horta dentro da escola e comunidade fortaleceu o coletivo aproximando ainda mais o que é próprio da ancestralidade do povo Mbya Guarani. As práticas foram utilizadas como método de ensino para Educação Ambiental e Alimentação Saudável e para aplicação da interdisciplinaridade.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Agricultura. Coletivo. Vivências

ABSTRACT

Environmental education consists in encouraging the preservation of natural resources, contributing to sustainability and providing various benefits to the environment. The actions carried out at the Pindoty Indigenous State School sought to interact with the Mbya Guarani Pindoty Village, located in the city of Paranaguá - PR, specifically on an, territory demarcated as indigenous land, that know as Cotinga Island. Interactions in project actions have developed the autonomy of farming techniques by rescuing the practice of working with the land. The construction of the garden within the school and community strengthened the collective, bringing even closer what is proper to the ancestry of the Mbya Guarani people. The practices were used as a teaching method for Environmental Education and Healthy Eating and for the application of interdisciplinarity.

Keywords: Environmental Education. Agriculture. Collective. Experiences

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA PINDOTY.....	15
FIGURA 2 – ENTRADA DA ILHA	16
FIGURA 3 – COMPANHEIRAS DE PROJETO	17
FIGURA 4 – APRESENTAÇÃO DA ANE PARA A COMUNIDADE	18
FIGURA 5 – DESEMBARQUE DO POVO ANEANO	18
FIGURA 6 – EXPOSIÇÃO CULTURA MBYA GUARANI COMIDAS TÍPICAS	19
FIGURA 7 – EXPOSIÇÃO CULTURA MBYA GUARANI MORADIAS I	19
FIGURA 8 – EXPOSIÇÃO CULTURA MBYA GUARANI ARTESANATOS E ARMADILHAS	20
FIGURA 9 – EXPOSIÇÃO CULTURA MBYA GUARANI REPRESENTAÇÃO ARTIGOS DE BARRO	20
FIGURA 10 – EXPOSIÇÃO CULTURA MBYA GUARANI MORADIAS II	21
FIGURA 11 – JOGOS E BRINCADEIRAS COM A COMUNIDADE	21
FIGURA 12 – PASSEIO PELA ALDEIA.....	22
FIGURA 13 – PINTURA INDÍGENA FEMININA.....	22
FIGURA 14 – PAJÉ DONA ISULINA	23
FIGURA 15 – CRIANÇAS NAS AULAS DE CIÊNCIAS/ESTUDO DO SOLO.....	23
FIGURA 16 – PREPARO ÁREA DE INSTALAÇÃO DA HORTA.....	24
FIGURA 17 – CAPINAGEM DO TERRENO	24
FIGURA 18 – PROFESSORES NA PRODUÇÃO ATIVA	25
FIGURA 19 – ALUNOS FAZENDO OS CANTEIROS.....	25
FIGURA 20 – REPOSIÇÃO DE NUTRIENTES/SAIS MINERAIS NO SOLO	27
FIGURA 21 – PREPARANDO O SOLO	27
FIGURA 22 – TRABALHO COLETIVO PARA O BEM COMUM	28
FIGURA 23 – AGROECOLOGIA PRESENTE	28
FIGURA 24 – ANE ATRACANDO EM TERRA INDÍGENA.....	29
FIGURA 25 – JORNADA ILHA DA COTINGA/SAÍDA PARA O PASSEIO	29
FIGURA 26 – DESBRAVANDO A ILHA DA COTINGA	30

FIGURA 27 – RUÍNAS CAPELA NOSSA SENHORA DAS MERCÊS	30
FIGURA 28 – VISITA A CASA DE REZA	31
FIGURA 29 – PLANTIO DAS MUDAS E SEMENTES	31
FIGURA 30 – É TEMPO DE COLHEITA	32
FIGURA 31 – MUTIRÃO DE LIMPEZA	33
FIGURA 32 – HORTALIÇAS DA HORTA PINDOTY	33
FIGURA 33 – LIMPEZA DOS CANTEIROS E PLANTIO DE NOVAS MUDAS	34
FIGURA 34 – PINTURA DE JOGOS E BRINCADEIRAS NO PÁTIO	34
FIGURA 35 – O COLETIVO CONSTRÓI JUNTO	35
FIGURA 36 – APRESENTAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO SOBRE A ALDEIA PINDOTY	35
FIGURA 37 – O PROJETO MEL PRESENTE NA ILHA DA COTINGA	36
FIGURA 38 – APRESENTAÇÃO DO CORAL	36
FIGURA 39 – APRESENTAÇÃO DO PROJETO NA IV CONANE CAIÇARA	37

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. MEMÓRIA DE VIDA	13
3. MEMORIAL DAS AÇÕES	14
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
5. REFERÊNCIAS.....	38

1. INTRODUÇÃO

O presente memorial relata minhas vivências e experiências construídas sob a perspectiva do Curso de Especialização em *Alternativas para uma Nova Educação* e todos os sentimentos envolvidos na atuação do meu projeto para toda a comunidade Pindoty.

A *Tekoa Pindoty* (em guarani “*Terra de muitas Palmeiras*”) ou Terra Indígena - A Ilha da Cotinga é formada pelas Ilhas Cotinga e Rasa da Cotinga e foi oficialmente homologada em 16 de Maio de 1994. A demarcação desta Terra Indígena foi promovida pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e é caracterizada como posse tradicional indígena pertencente ao grupo Mbya Guarani. As ilhas estão localizadas a 2 km a leste do município de Paranaguá, em frente à foz do Rio Itiberê, faixa litorânea paranaense, localizada a leste da Serra do Mar.

A ocupação recente das ilhas pelos Mbya Guarani se deu em meados da década de 70, devido ao reconhecimento deste território como terra tradicional indígena. Este sentimento de pertencimento se dá, segundo os Mbya pela presença de vestígios de seus ancestrais e da confirmação de *Nhanderu* (Deus verdadeiro) que ali poderiam viver conforme seus ensinamentos. Segundo os Mbya estes lugares são indicados por Nhanderú, este revela as terras boas para o plantio e com acesso a água.

Segundo Maria Inês Ladeira (2008) que trabalhou amplamente com os Mbya Guarani do Sul e Sudeste, os indígenas possuem regras, costumes e tradições, dos quais participam todo o conjunto de sua sociedade, uma instituição organizada de maneira social, política e economicamente dentro de um espaço que envolve todas as partes do seu mundo.

Segundo o Cacique Dionísio Rodrigues, *Tekoa* significa: “Viver conforme a cultura guarani, esse é o modo de ser Mbya, nosso território e tudo o que está a nossa volta faz relação com os outros Guaranis e estes ensinamentos são repassados para os membros da comunidade, pelos líderes espirituais no momento das rezas e cantos ou até mesmo nas conversas diárias realizadas na *Opy* (casa de reza).

Um dos principais objetivos da Educação Ambiental consiste em contribuir para a compreensão da complexidade do ambiente em suas dimensões ecológicas, econômicas, sociais, culturais, políticas, éticas e tecnológicas, de maneira a sensibilizar a coletividade quanto à importância de sua organização e participação

na defesa de todas as formas de vida. O desenvolvimento de trabalhos realizados com horta escolar aborda temas como educação ambiental, e educação para a saúde através dos aspectos nutricional e alimentar. A contribuição das atividades realizadas na horta escolar ajuda o aluno a compreender o perigo da utilização de agrotóxicos para a saúde humana e ao meio ambiente; a importância da preservação do meio ambiente; desenvolve a cooperação da comunidade escolar; proporciona a modificação dos hábitos alimentares, mostra a necessidade do reaproveitamento de materiais.

O *Projeto Minha escola tem horta* possibilitou a toda a comunidade um melhor e mais proveitoso aprendizado, onde há a necessidade do toque na terra, contato com as plantas, diferenciação de formas, texturas, cheiro e da cor. E, como afirma OLIVEIRA (2005), pode estimular a inteligência, os sentidos e a interação com o meio ambiente, desenvolvendo também a consciência ambiental.

Com relação a alimentação o projeto é essencial e deve basear-se em um processo ativo, assim, a horta escolar passa a ser um espaço alternativo para aquisição de aprendizado sobre alimentação e nutrição, podendo ser considerado um laboratório vivo onde as crianças experimentam diversas experiências, tornando o contato com os alimentos mais atraente e prazeroso, motivando assim o uso de uma alimentação mais nutritiva e saudável.

O conhecimento, as atitudes, comportamentos e habilidades desenvolvidas nas diversas ações do projeto foram voltados para a conscientização de que a adoção de hábitos saudáveis trará melhor qualidade de vida, capacitam crianças e jovens para fazer escolhas corretas sobre comportamentos que promovem a saúde do indivíduo, família e comunidade.

A escola ocupa praticamente um terço da vida do aluno, assim ela necessita desempenhar um papel fundamental na formação dos hábitos de vida e da personalidade da criança. Oferecendo alimentação equilibrada e orientar seus alunos para a prática de bons hábitos de vida.

Vale ressaltar que a escola serve aos interesses do povo e está vinculada a vida da comunidade, aqui na Ilha da Cotinga a escola é a comunidade e a comunidade é a escola, essa é a verdadeira importância da escola, e assim é reconhecida por todos. Tanto na cidade, como no campo, os povos indígenas, devem lutar por uma escola que sirva a seus interesses e que respeite a cultura desse povo.

PISTRAK (2000) afirma que:

O trabalho social principal do professor e da escola deve constituir na melhoria constante da agricultura, da economia rural e das condições de vida do camponês; o trabalho deve ser feito com *a ajuda da escola e através dela*. Na medida em que atender às necessidades do agricultor, a escola se tornará indispensável para ele, podendo desempenhar um grande papel em toda a sua vida; e assim veremos desaparecer a desconfiança que e manifesta aqui e ali em relação a ela. Quando o camponês perceber que a escola é útil, que o ajuda a melhorar sua vida e seu trabalho. [...] Constata-se, então, que o problema essencial é aproximar a escola das necessidades da economia e da vida camponesas. (p.70).

2. MEMÓRIA DE VIDA

Eu Taciana Bogo apresento minha trajetória de vida, sou filha de agricultores nascida em Curitiba-SC, porém morava na comunidade chamada Taquaruçu de Cima interior da cidade de Fraiburgo-SC. Minha vida escolar começou aos três anos de idade em uma escola pequena com salas multisseriadas (Pré e Anos Iniciais), para continuar os estudos tive que ir para outra cidade vizinha chamada Frei Rogério-SC onde cursei os Anos Finais e o Ensino médio.

Após concluir o Ensino Médio prestei vestibular para pedagogia. A área da Educação sempre me chamou atenção por ter na família varias professoras e com isso sempre observei o quanto aquela profissão era realizadora para elas apesar das dificuldades, também minhas professoras sempre estavam motivados e interessadas e isso era fantástico.

Em 2007 iniciei e o curso de pedagogia na Universidade do Contestado (UNC). No ano de 2010 comecei a atuar como estagiária, posteriormente no ano seguinte me formava e começava atuar como professora.

Quando comecei atuar percebi o quanto era desafiador, são muitos desafios que hoje encontramos na educação, nas práticas de aulas expositivas e diferenciadas encontrava sempre dificuldades e limitações no cotidiano da escola com isso as exigências burocráticas que geralmente tornavam tudo mais cansativo em conjunto com o encontro de carência de recursos e horários. Com relação a isso Rubens Alves (2003) afirma que

há nas escolas uma infinidade de coisas e procedimentos cristalizados pela rotina, pela burocracia, pelas repetições, pelos melhoramentos (...) e nem fazemos perguntas sobre o sentido daquelas coisas e procedimentos para a educação das crianças. (p.19).

Nos anos que atuei de professora sempre busquei meios para melhorar meu trabalho por compreender que a educação é uma ferramenta transformadora de realidade. No ano de 2012 iniciei outra graduação de Educação Especial o qual tive que interromper em 2013 devido à mudança de estado, em 2015 já morando na cidade de Paranaguá-PR surgiu à oportunidade de trabalhar em uma Ilha na Escola Estadual Indígena Pindoty como pedagoga, uma escola pequena, simples e de poucos alunos foi como estar vivenciando minha infância uma realidade parecida como quando estudei com salas multisseriadas. Infelizmente em 2016 o diretor dessa escola faleceu e assim fui convidada pela comunidade a exercer a função de diretora. Desde então busco sempre estar melhorando o espaço físico e a oferta de cursos. Como gestora, consegui junto com a comunidade a inauguração de uma escola nova, esta estava parada há dez anos e com isso a ampliação dos cursos que antes disso a escola só ofertava a modalidade dos iniciais e agora oferta da Educação Infantil ao Ensino Médio, a escola encontra barreiras com recursos, mas sempre busca oferecer aos professores o melhor para estarem atuando de melhor forma com seu trabalho.

Durante a especialização em Alternativas para uma Nova Educação (ANE) busquei estar melhorando minha prática profissional, nos encontros encontrava colegas, trocávamos experiências e compartilhávamos o sentimento de transformação e desafios da Educação nessas trocas de experiência, com esses encontros fui percebendo que ainda posso fazer muito pela escola em que trabalho. Neste sentido resolvi desenvolver o projeto da horta percebendo que era importante para eles o plantar e assim buscando ensinamento das pessoas mais velhas da comunidade onde puderam também repassar o seu conhecimento e com isso também tive a oportunidade de aprender muito com acultura rica do povo Mbya Guarani.

3. MEMORIAL DAS AÇÕES

O meu Projeto Minha Escola tem Horta foi aplicado na Escola Estadual Indígena Pindoty – EFM (Figura 1), com objetivo de que o educando do Ensino Fundamental I e II e do Ensino Médio aprendam o cultivo de hortaliças para que a partir da atividade de plantar, cuidar e colher passe a valorizar as práticas camponesas resgatando ainda mais as práticas do plantio que é próprio da cultura.

Quando o educando aprende a cultivar hortaliças através do Eixo Temático: TERRA-VIDA-TRABALHO seu aprendizado quebra as barreiras escolares chegando até o seu ambiente familiar. Assim os alunos desfrutam de um ambiente agradável, tanto nas horas de lazer e até mesmo de estudo. O projeto da horta na escola contribuiu com o nosso planeta, levou em consideração os conhecimentos prévios dos alunos e de toda a comunidade. Interessados em mudança de atitudes, buscamos influenciar demais escolas e comunidades em fazerem parte do nosso projeto que é plantar para transformar.

Figura 1 - Escola Estadual Indígena Pindoty - EFM



Fonte: Escola Estadual Indígena Pindoty, 2018.

Neste cenário, como mostra a figura 2, a entrada da Ilha da Cotinga anuncia a conscientização ambiental, a qual é de fundamental importância e não se dará de um dia para o outro, mas através de um trabalho constante de educação ambiental que garanta o envolvimento e a participação de todos: a escola, a família e a comunidade. Vale salientar que a escola exerce um papel vital neste processo, inculcando nas crianças e adolescentes a consciência de que é preciso preservar o ambiente em que vivemos.

Figura 2 - Entrada da Ilha da Cotinga.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

O projeto “Plantar para transformar- Minha Escola tem Horta” objetivou implantar uma horta na escola, avaliando sua aplicabilidade como método de ensino para Educação Ambiental, além de trazer melhor qualidade à alimentação servida na escola, oferecer um laboratório natural aos alunos. Promovendo uma mobilização social com a finalidade de conscientizar as pessoas para a necessidade e a importância de plantar e cuidar, para disponibilizar uma melhoria na alimentação da população em geral e, principalmente, dentro da comunidade. Incentivando os alunos a permanecerem no campo e agregar valor nos lotes que residem, além de intervir na cultura alimentar dos alunos.

Foram realizadas diversas ações na aldeia por mim, pela professora Francy¹ (Figura 3), como também outros estudantes e Professores do Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação – ANE.

Figura 3- companheiras de projeto (Professora Francy a minha direita)
Conane Caiçara 2019-UFPR LITORAL

¹ Função da professora Francy na escola para o leitor saber do porque ela está ligada ao seu projeto.



Fonte: Arquivo Pessoal da Autora, 2019.

Ao entrar no Curso de Especialização em Alternativas para um Nova Educação em Agosto de 2018 surgiu a ideia de criação de um projeto com ações na comunidade. A ação proposta foi do trabalho ligado ao aprendizado da agricultura pelos indígenas em função da necessidade deles de segurança alimentar, mesmo que o hábito de agricultura se faça presente na cultura indígena, atualmente na comunidade não fazia parte do cotidiano, então a ideia do projeto foi meio que um “regate” dessas práticas com a agricultura.

Discorro daqui pra frente às ações e movimentos gerados dentro do meu projeto, ressalto que todas as **Interes** se fizeram presentes do início ao fim (*institucionalidade, experiencialidade, territorialidade, geracionalidade, disciplinaridade, culturalidade*).

No dia 18 de Abril de 2019, foi um dia de festa em comemoração a semana indígena e também a primeira visita do coletivo ANE em nossa comunidade. A turma ANE foi apresentada, e desde esse dia tínhamos certeza que a parceria seria forte, o Cacique Dionísio fez a recepção e deu boas vindas a todos. Assim vivemos um dia de experiências incríveis com diversas atividades, como: Palestra e roda de conversa com o Cacique e a comunidade; passeio pela aldeia; café/almoço e lanche coletivo; exposição sobre a cultura Mbya Guarani; jogos e brincadeiras para todos. Na presente ocasião eu e a professora Francy apresentamos as propostas dos nossos projetos e os objetivos a serem alcançados com os mesmos. Segue da figura 4 a figura 13, registros das vivência incríveis desse encontro.

Figura 04: Apresentação da ANE para a comunidade.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura 05: Desembarque do povo Aneano.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura 06: Exposição Cultura Mbya Guarani.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura 07: Exposição Cultura Mbya Guarani.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura 08: Exposição Cultura Mbya Guarani.



Fonte: Arquivo escola Pindoty, 2019.

Figura 09: Exposição Cultura Mbya Guarani.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura 10: Exposição Cultura Mbya Guarani.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura 11: Jogos e brincadeiras com a comunidade.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura 12: Passeio do Coletivo pela aldeia.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura 13: Pintura indígena feminina.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

No encontro do dia 02 de Setembro de 2019 houve a Palestra feita na escola envolvendo toda a comunidade. A Pajé Dona Isolina (Figura 14) passou todo seu conhecimento sobre técnicas de plantio e como preparar o solo, quais os tipos de hortaliças e sementes são apropriadas para o clima da Ilha. A professora de Ciências também trabalhou com os alunos o bimestre todo conteúdos sobre as

questões do solo e o estudo das plantas (Figura 15), foi um excelente trabalho coletivo entre a escola e a comunidade.

Figura 14: Pajé Dona Isolina.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura 15: Alunos estudando o solo da região na aula de ciências.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

No encontro do dia 01 de Agosto de 2019 e nos dias subsequentes, houve a seleção do espaço para a construção da horta e demarcação do terreno, compra das telas com o dinheiro doado pela comunidade, preparo da área com a utilização

de pás e enxadas, capinagem coletiva com escola e comunidade (Figura 16, 17, 18 e 19).

Figura 16: Preparando a área da horta.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura 17: Preparando o espaço para os troncos e as telas.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura18: Professores colaborando com a produção da horta.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura19: Alunos fazendo os canteiros.



Fonte: Arquivo escola Pindoty, 2019.

No encontro do dia 19 de Agosto de 2019 foi feito o preparo do solo e o cercado o espaço da horta. Abrange-se a questão da produção com toda a escola e comunidade pensando na possibilidade de trazer especialistas e pessoas que

entendessem mais do assunto na prática, surgiu a ideia de na próxima ação aberta ao público convidar junto com a ANE os professores da especialização juntamente com o pessoal da Agroecologia para realizarmos um trabalho prático dentro do projeto, ação como o plantio de mudas e sementes. Assim aconteceu na data de 11 de Outubro de 2019 e pudemos compreender na prática o que Freire (1979) nos ensina ao afirmar que:

Não é possível um compromisso verdadeiro com a realidade, e com os homens concretos que nela e com ela estão se desta realidade e destes homens se tem uma consciência ingênua. Não é possível um compromisso autêntico se, àquele que se julga comprometido, a realidade se apresenta como algo dado, estático e imutável. Se esse olha e percebe a realidade enclausurada em departamentos estanques. (p.10).

As ações do dia 11 de Setembro de 2019, abertas para o coletivo ANE, para o pessoal da Agroecologia e demais colaboradores convidados, dia este que foi reservado para colaborar, plantar, cultivar e semear. Intensificamos os debates e práticas nesse encontro, atuamos e protagonizamos as diversas atividades com produção agrícola, com muitas dicas e ideias do professor Gilson². Sua turma, da Agroecologia da UFPR Litoral, buscaram sempre pensar na autonomia da aldeia, com todo esse envolvimento do coletivo fortalecemos nossa horta produzimos mudas e fizemos a limpeza da área. Nesse dia também tivemos café, almoço e lanche coletivo e um “tour” pela Ilha, já que muitos queriam conhecer alguns espaços dentro e fora da aldeia. Esse foi um dia de vivência extraordinária e os registros (Figura 20, 21, 22 e 23) demonstram como todos com muita vontade de ajudar e colaborar, um povo lindo, solidário e unido pensando sempre no próximo, gratidão por esse dia.

Figura 20: Repondo nutrientes e sais minerais no solo.

² Gilson Walmor Dahmer, professor doutor do Curso de Licenciatura em Educação do Campo e do Curso Tecnólogo em Agroecologia da UFPR Litoral.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura 21: preparo dos canteiros para receber as folhas e troncos das bananeiras.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura 22; Trabalho coletivo para o bem comum.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura 23: Prof. Gilson com estudantes do Curso de Agroecologia da UFPR Litoral



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Vale ressaltar que as mudas e as sementes foram doadas pela comunidade Pindoty, pelo coletivo ANE, pela EMATER, pela TCP e pelo pessoal da Agroecologia.

Os registros (Figura 24, 25, 26, 27 e 28) retratam que o passeio pela Ilha foi uma experiência e vivência incrível para todos, “... uma aventura!” como muitos

relataram no retorno, foi adrenalina pura, todos levaram as lembranças em suas memórias. Gratidão por esse dia.

Figura 24: Jornada Ilha da Cotinga – saída para o passeio.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura 25: Desbravando a Ilha da Cotinga.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura26: Ruínas da primeira Capela de Nossa Senhora da Mercês do Estado do Paraná fundada em 1667.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura27: Subida à OPY (Casa de reza).



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura28: Plantio das mudas e sementes.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

A Terceira visita da ANE à comunidade e segunda ação do projeto aberta a todos que ocorreu no dia 25 de Outubro de 2019, teve muita integração. Uniu-se os grandes “potencias” pra fazer o movimento do projeto, integrações da escola, da comunidade, da ANE, do Bagrich³, da Agroecologia, e demais projetos convidados como o MEL da companheira de Curso de Especialização Maria Rita e a apresentação do Documentário Ko Yvy Ma Ndopa Mo’ái (Essa terra não vai terminar) da produtora Danielle Fortes, também companheira do curso da ANE. Foi um dia intenso de troca de saberes e experiências. Foi um dia bastante produtivo, houve maior participação de todos os envolvidos assim conseguimos dar grandes passos dentro do projeto e concluir diversas atividades que estavam no cronograma da vivência, atividades como: plantio de novas sementes e hortaliças, acompanhamento das mudas anteriores, mutirão de limpeza da ilha, pintura do pátio, plantio de mudas frutíferas, atividades do MEL, apresentação do Documentário sobre a Aldeia, roda de conversa, apresentação do coral. Segue alguns registros (Figura 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37 e 38) mas imagens que retratam a beleza desse dia, uma vivência rica de aprendizado e experiência.

Figura 29: É tempo de colheita.

³ Bagrich é a denominação dada ao módulo de Interação Cultural e Humanística - ICH, da UFPR Litoral que ocorre nas quartas feiras a noite no município de Paranaguá-PR.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura 30: Mutirão de limpeza.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura 31: Hortaliças frescas da horta.



Fonte: Elaborada pela autora/montagem arquivo escolar Pindoty, 2019

Figura32: Limpeza dos canteiros e plantio de novas mudas.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura 33: Pintura de jogos no pátio da escola.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura34: O coletivo constrói junto.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura 35: Apresentação do Documentário sobre a Comunidade Pindoty.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura 36: O MEL presente na Ilha da Cotinga.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura 37: Apresentação do Coral.



Fonte: Arquivo escolar Pindoty, 2019.

Figura38: Apresentação do Projeto na IV CONANE CAIÇARA.



Fonte: Elaborada pela autora/arquivo pessoal, 2019.

O presente projeto visou desde o seu início desenvolver vários objetivos como a união, a solidariedade, o diálogo, a cooperação, a responsabilidade, a autonomia. São nesses momentos, nessas experiências, comprovamos que a aprendizagem não é restrita somente a escola, todos nós e todas as nossas ações protagonizam o processo educativo, e que são possíveis sim Novas Alternativas para Uma Nova Educação. Assim essas vivências dentro do projeto serviram de alguma forma como estratégia para o desenvolvimento da comunidade, resgatou valores e hábitos que estava sendo esquecidos, fortaleceu a ajuda mútua entre a escola e a aldeia. Por isso cabe aqui ressaltar a importância da continuidade desse trabalho para que novas ações se concretizem e façam florescer a força de uma educação comprometida com a autonomia e emancipação de todos os envolvidos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O término de um ciclo do Curso de Especialização em Alternativas por uma Nova Educação nos coloca em uma posição privilegiada, com um vasto acervo de possibilidades nos possibilitando uma maior liberdade de ação. O resultado desse processo dentro do meu projeto é um crescimento na autoestima dos estudantes e da comunidade e interesse no fortalecimento das plantações para o resgate da cultura, das comidas típicas, como também o interesse de repassar para os mais jovens os conhecimentos tradicionais, mantendo viva a milenar cultura guarani. Ingressar na ANE foi um grande passo para melhorar minha prática e ações educativas, para que eu não viesse a reproduzir a grande crítica de Paulo Freire: a educação bancária, um depósito sem significação, o que ainda acontece muito nas escolas atualmente. Foi a ANE, esse coletivo “audacioso” que me mostrou que existem caminhos diferentes para seguir, com reais possibilidades de mudança. A busca para melhorar minha prática profissional com certeza foi realizada, pois passei também a perceber nossa realidade escolar e social e cultural de outra forma, e isso me motiva todos os dias.

5. REFERÊNCIAS

ALVES, R. **A Alegria de Ensinar**. 14ª edição. São Paulo: Papyrus, 2000.

BONAMIGO, Z.M. **A Economia dos Mbya-Guarani**: trocas entre homens e entre deuses e homens na Ilha da Cotinga, em Paranaguá –PR, Curitiba: Imprensa Oficial, 2009.

EMBRAPA. Ministério da agricultura: **Práticas de conservação do solo e recuperação de áreas degradadas**. 1ª ed. Rio Branco: 2003. 32p.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 12º ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

LADEIRA, M. I. **YY PAU ou YVA PAU espaço mbya entre as águas ou o caminho aos céus: os Índios Guarani e as Ilhas do Paraná**. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 1990.

OLIVEIRA, J. SUNDFELD; CAIANA. **Presença indígena na Ilha da Cotinga**. Curitiba: Funai, 1984. Relatório técnico.

OLIVEIRA, J.J. **Relatório da Ilha da Cotinga**. Curitiba: Funai, 1984. Relatório técnico.

PISTRAK, **Fundamentos da Escola do Trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

PPP **Escola Estadual Indígena Pindoty** 2018.